

MANIFESTO PELO TEJO

REDE DE CIDADANIA POR UMA

NOVA CULTURA REDE DE ÁGUA EM TAJO / TEJO E SEUS RIOS.

O rio Tejo não é apenas água. É água e muito mais.

É cultura viva, a espinha dorsal e o eixo, das terras e das aldeias por onde passa.

Talvez o tenhamos esquecido, mas não o Tejo. E continua sempre lá, apesar de vivermos de costas para o rio e para os seus afluentes. Apesar das decisões sobre o que se faz ou não ao rio nos pareçam longínquas, complicados, coisas de políticos... A única realidade que resta para nós, os cidadãos, é assomarmo-nos ao rio, e contemplá-lo moribundo, doente, exausto e malcheiroso, e ainda que as vozes oficiais nos massacrem que este é o preço do progresso, no nosso interior, sabemos que um progresso que destrói desta maneira os rios e a natureza, as nossas raízes e marcas de identidade, mais cedo ou mais tarde acabam por destruir-nos.

Não somos donos dos rios, não somos donos dos seus álamos brancos, das suas florestas ribeirinhas e da vida que continuamente bule e flui através deles quando o deixamos. Não somos donos da natureza, somos parte dela.

Por isso, quando olhamos para os nossos rios, quando olhamos para o grande Tejo seco, ou convertido num esgoto, sabemos que também é uma parte de nós que fica doente e morre.

Todavia, ainda há pessoas que se lembram como era o rio Tejo quando nos atrevíamos a olhar para o seu rosto, a partilhar a nossa vida com ele, e a aceitar a generosidade das suas ribeiras e das suas águas turquesa. Mas os mais jovens, as crianças, já não conheceram o Tejo vivo, mas um substituto, um escravo e prisioneiro do nosso egoísmo e da nossa especulação. As próximas gerações apenas conhecerão rios vivos. Terão imagens e arquivos gráficos, imagens na internet...que serão sombras do que um dia se nos ofereceu com generosidade e destruímos.

Os políticos, os que tomam as decisões, são parte da sociedade. Nós somos a sociedade, os cidadãos que vivem ou não perto do rio Tejo, mas que o amamos, e sabemos o que significa. O Tejo vivo, o Tejo íntegro, o rio Tejo como unidade, com todos os seus afluentes e rios irmãos. Isso que tão bem sabem escrever os políticos nos papéis e nas leis, mas que na realidade ninguém cumpre. Nós, os cidadãos que conhecem o Tejo criança que nasce e dá os seus primeiros passos, na beleza e sossego da Serra de Albarracin e os Montes Universales, em terras de Teruel e nas montanhas de Cuenca. Conhecemos o Tejo adolescente que se lança a partir dos rápidos e desfiladeiros do Alto Tejo, e que detém o seu ímpeto e a sua força em Entrepeñas e Buendía. Conhecemos o Guadiela, o Escaba, o Gallo... e todos os rios irmãos que se ligam ao Tejo no seu caminho. Conhecemos Bolarque e como o

sangue do Tejo adolescente é sugado em Tajo para o cimento e especulação de terras distantes. Sabemos o que transforma o Tejo jovem, quando exausto e com pouca água, recebe a serpente negra do maltratado Jarama, do que resta do Manzanares, do Henares ou do Guadarrama. Sabemos como era o Tejo e não o reconhecemos no rio poluído e sem caudal que agora atravessa Aranjuez, por terras de Toledo, e por vezes, já não chega a juntar-se ao Alberche em Talavera. Recordamos que a cor e o som da água, recordamos como era tomar banho no rio, ou simplesmente contemplá-lo, passeando pelas suas ribeiras. E já não reconhecemos o Pai Tejo nas águas cinzentas e escassas que agora dificilmente atravessam as terras de Castilla. Todavia contemplamos o Sorbe, o Lozoya, o Tietar e os rios vivos de Ayllón, de Gredos, de Gata, dos Montes de Toledo e das Serranias de Cuenca e San Pedro, temendo que acabem por seguir o mesmo caminho. E quando queremos contemplar o Tejo na Estremadura, nem aí o encontramos, só vemos um rio asfixiado, junto com seu irmão Alagón, numa série de represas e de reservatórios que detêm a sabedoria e os sedimentos do rio Tejo, a caminho de terra portuguesas. Conhecemos o Tejo já maduro, que ignorando fronteiras, se faz português, recebendo entre as montanhas o Zêzere, para de seguida, sob o olhar do Almourol, se abrir e alargar, a caminho do Mar da Palha, onde o Tejo sábio já ancião e venerável junta as suas águas com as do Atlântico em Lisboa, sabendo que assim cumpre o seu destino.

Ao recordarmos os nossos rios, ao lamentar o rio Tejo e os seus irmãos, não olhamos para o passado, mas reclamamos o futuro, e o presente de que nos privam.

Os cidadãos que vivem perto ou não do Tejo e seus rios, mas que o amamos e sabemos o que significam, reclamamo-los como património natural, histórico, cultural, recreativo, espiritual e social. Mas não porque sejam "nossos." É verdade que os rios são de todos, mas não para a os explorarmos e pilharmos, mas, para os cuidarmos e respeitarmos, olhando para além do valor económico e produtivo das suas águas. O Tejo não é uma manilha de cimento, é um rio vivo. Doente e maltratado pela nossa ganância e pela nossa irresponsabilidade, mas que pode ser curado e regenerado com responsabilidade, generosidade e inteligência e com os recursos que até agora só empregámos para o esgotar e degradar.

Por isso, num momento em que se reivindicam separações e divergências, nós unimo-nos e reclamamos a unidade e integridade do rio e da sua bacia, já que o amor e o respeito que sentimos por ele não se esgota em nenhuma das fronteiras administrativas e artificiais que os homens impõem à natureza. Começa-se por dizer que um rio se perde no mar, para em seguida pensar que se perde no país vizinho e, em seguida, na comunidade ou na aldeia que se segue ao mesmo. Rejeitamos esta abordagem, e nós, como cidadãos unimo-nos para defender o rio Tejo e seus afluentes, na íntegra, a partir do nascimento em Albarracín, até que desemboca em Portugal.

O que não defender o governo e os políticos, defendemos nós cidadãos, já que no limite, e na sua forma de actuar a respeito do Tejo e seus rios, não nos sentimos por eles representados.

Portanto, como cidadãos do rio Tejo, em Espanha e Portugal, unimo-nos para reivindicar a todas as autoridades competentes, nacionais, regionais e locais:

1. Caudais ecológicos sérios e reais: Com base em estudos pertinentes, que sejam capazes de manter e restaurar a vida no rio e seus afluentes. Não apenas os trechos de rio ou afluentes melhor preservados, mas sobretudo os trechos mais degradados e que sofram maior pressão e exigências. Estes caudais, deverão ser estabelecidos inevitavelmente em todos os rios da bacia, e no principal curso médio do rio em Aranjuez, Toledo e Talavera de la Reina, como forma de garantir caudais ambientais no curso anterior e posterior do rio. As autoridades competentes devem controlar e assegurar a aplicação efectiva destes caudais, rever as concessões necessárias e garantir que a poupança de água que se produzam ocorrem na bacia hidrográfica, permanecem na mesma, a fim de garantir caudais ambientais e usos adequados em época de seca. Apelamos para a imediata paralisação da venda de água por particulares a outras bacias hidrográficas e que esses caudais, sejam adquiridos pela Confederação Hidrográfica do Tejo para caudais próprios e ambientais na bacia do Tejo.

2. Qualidade: Aplicação de todas as medidas e instrumentos que permitem a eliminação da poluição, tanto urbana, bem como difusas, incluindo o impacto negativo que a redução drástica no caudal produzem sobre a manutenção da qualidade da água. Aprovação de soluções de depuração adaptadas às diferentes realidades, desde filtros verde para sistemas de depuração terciários, salientando a importância dos governos nacionais e regionais estabelecerem sistemas económicos que garantam que as autoridades locais, seja qual for o número de habitantes, consegue manter em funcionamento as instalações de depuração.

3. A prevenção, valorização e restauração do património cultural e ambiental associado aos rios da bacia: para além de realizar acções que garantam a qualidade e quantidade de água no rio e seus afluentes (tanto em tempos normais de seca), e de paralisar projectos e actividades que representam uma maior degradação (irrigação e acções urbanísticas internas e externas que suponham uma sobre-exploração dos recursos da bacia,...), devendo empreender grandes importantes acções de recuperação de florestas e vegetação de ribeira e à conservação e melhoria do espaço fluvial, com o envolvimento das populações ribeirinhas. Estas acções deverão incluir a valorização e promoção da riqueza cultural, social e de lazer -relacionados com o Tejo e seus rios (moinhos, barcos e casas de barqueiros, tradicional descida do rio, procissões, festas e tradições, canoagem e vela, etc).

Para isso, vamos por em prática o nosso direito de participação pública na tomada de decisões no que respeita ao rio e à sua bacia, e que nos forneçam todos os dados, números e relatórios sobre o estado e a gestão do mesmo, com vista à

nossa participação activa no processo de planeamento da bacia do Tejo que, de acordo com a imposição da legislação europeia, deve culminar em 2009.

Por esta razão, as diversas associações e grupos locais de trabalho para a defesa do rio e da natureza, em Espanha e em Portugal, unimo-nos na "Rede Cidadã para uma Nova Cultura da Água na Tajo / Tejo e dos rios.". O nosso objectivo é que o rio Tejo volte para os seus cidadãos, e seja recuperado do rapto a que o submeteram muitas décadas de negligência, apatia e ganância. O rio Tejo e os seus irmãos, merecem que nós, os cidadãos de Espanha e de Portugal que vivemos ou não perto deles, mas que o amamos e conhecemos o que significam, lhes devolvamos o lugar e o respeito merecem.

Talavera de la Reina, 24 de abril de 2007